



Ciências Sociais Unisinos

ISSN: 1519-7050

periodicos@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Brasil

Eleutério, Joana Maria

Ônibus 174: um olhar sobre a violência urbana e a exclusão social

Ciências Sociais Unisinos, vol. 47, núm. 2, mayo-agosto, 2011, pp. 153-164

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93820782006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Ônibus 174: um olhar sobre a violência urbana e a exclusão social

Ônibus 174: A look on urban violence and social exclusion

Joana Maria Eleutério¹
joaneleuterio@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo fazer uma análise do filme Ônibus Linha 174 (José Padilha, 2002) como mais uma interpretação do episódio narrado e comentado por uma multiplicidade de textos. O gênero da película é o documentário, que foi produzido por José Padilha e Marcos Prado, com a direção do primeiro, fotografia a cargo de César Moraes e Marcelo Guru e com edição de Felipe Lacerda. A fita tem como tema central a violência urbana, porém este artigo aborda outros temas, evitando a repetição daquilo que já foi dito por muitos – grandes especialistas e até o cidadão comum. Na verdade, esse filme – texto principal da minha pesquisa – transforma-se em um pretexto para dar um direcionamento à reflexão que me proponho realizar, uma vez que o foco motivador de minha análise é o protagonista das duas histórias paralelas narradas pelo filme: o jovem Sandro Rosa do Nascimento, que se transforma em uma figura arquetípica no contexto social das histórias, dos cenários e depoimentos mostrados por Padilha. Durante a discussão surge outro personagem importante para a análise que busco realizar – Sandra Mara Herzer (1962-1982) – uma jovem cuja trajetória de vida permite-me realizar um paralelo entre os dois visando à compreensão de como se deu a construção desses dois personagens, que denunciam um contexto grave e multiplicador de muitas outras histórias semelhantes às suas. É indiscutível que, embora ambos tenham alcançado visibilidade até mesmo internacional, há uma infinidade de sandros e sandras totalmente invisíveis, vivendo pelas ruas e instituições “cuidadoras” de menores, passando pelas mesmas etapas da ignóbil metamorfose que os levou ao desespero na cena final de suas curtas vidas.

Palavras-chave: educação e letramento, violência, exclusão, preconceito e visibilidade social, criminalidade e tragédia urbana.

Abstract

This article aims to analyze the film Ônibus Linha 174 (José Padilha, 2002) as another interpretation of the episode narrated and commented based on a variety of texts. The film is a documentary, which was produced by Jose Padilha (also director) and Marcos Prado, photography by Cesar Morales and Marcelo Guru and editing by Felipe Lacerda. The film focuses on urban violence, but this article discusses other issues, avoiding the repetition of what has already been said by great experts and even ordinary citizens. This film, the foundation of my research, is the guideline to the reflection that I propose, since the focus of my analysis the main character of two parallel stories narrated in the film: the young Sandro Rosa do Nascimento, who becomes an archetypal figure in the social context of stories, scenarios and the testimonies shown by Padilha. As the discussion progresses, another important character for the analysis emerges: Sandra Mara Herzer (1962-1982), a young woman whose life trajectory allows me to compare the two aiming to understand how these two characters who report a serious context that causes the multiplication of a series of other stories similar to theirs. It is unquestionable that,

¹ Pós-Graduada em Língua Portuguesa/Revisão de Textos, UNICEUB, Analista de Políticas Públicas e Gestão Governamental na Escola de Governo do Distrito Federal – EGOV/DF da Secretaria de Estado de Administração do DF. Escola de Governo do Distrito Federal – SGON, Área Especial n.1, Quadra 1, 70610-610, Brasília, DF, Brasil.

although both have achieved international visibility, there is a multitude of invisible Sandros and Sandras, living in the streets and "caregivers" institutions for children, going through the same stages of this monstrous metamorphosis that led them desperation in the final scene of their short lives.

Key words: Education and literacy, violence, exclusion, prejudice and social visibility, criminality and urban tragedy.

Considerações iniciais

O ato de educar é sempre um ato ético e não há como fugir de decisões éticas.
(Aquino, 2001, p.16)

As principais cenas do documentário exibem o sequestro ocorrido no dia 12 de junho do ano 2000. Tal proeza foi realizada por Sandro Rosa do Nascimento (21 anos), que, no meio daquela tarde, tomou os passageiros de um ônibus da linha 174 como reféns. Eram pessoas comuns – trabalhadores e estudantes – subitamente surpreendidas e desviadas de seus compromissos, passando a viver um dia de completo horror diante das lentes de toda a mídia brasileira, quiçá mundial.

Como em um pano de fundo, paralelamente ao sequestro, a história de vida do sequestrador nos é mostrada na película. Filho de pai desconhecido, ainda garotinho, com apenas 6 anos de idade, ele vai para as ruas depois de presenciar o cruel assassinato da mãe. Por meio de depoimentos de alguns meninos de rua, parentes ou conhecidos de Sandro, alinhavados por comentários do antropólogo Luís Eduardo Soares, vamos conhecendo a triste e curta história do jovem. Na rua, como em tantas outras histórias de crianças negras e pobres da Cidade Maravilhosa e de todo o Brasil, o pequeno órfão encontra outros garotos e adolescentes, com histórias e trajetórias muito semelhantes às suas, transformando-se em um deles. Dessa maneira, as ruas e as gangues passaram a ser a escola e a família de Sandro, que aprendeu a fazer o que tantos outros meninos ainda fazem pelo país afora – roubar e usar drogas para sobreviver e suportar o peso da dura realidade de suas vidas.

No documentário, há imagens-relatos de ocorrências policiais, do interior de presídios e de instituições pelas quais passou e de onde fugiu inúmeras vezes. A narração é construída por meio do diálogo entre o trágico sequestro e as cenas narradas em *feedback* pelos que conviveram ou conheciam a história do herói daquele espetáculo que paralisou o país no dia dos namorados do último ano do século XX.

Naquele dia, não só Sandro e os seus reféns ficaram presos dentro daquele ônibus, mas quase toda a população do Brasil, uma vez que a mídia dos horrores cumpria seu macabro papel de focalizar e explorar a tragédia daquele espetáculo nos seus mínimos detalhes. Mídia e população plenamente saciadas.

O diretor do filme propõe ao espectador um questionamento sobre a realidade sociológica do país, tão fortemente marcada pelas diferenças sociais e econômicas, preconceitos e por valores e prioridades equivocadas em relação a investimen-

tos e políticas públicas. Percebe-se que o diretor efetivamente realiza uma reflexão de caráter antropológico e social, visando à apresentação do percurso percorrido pelo protagonista e por tantas outras crianças e jovens do país, que os conduziu à marginalidade e à bandidagem. E, consequentemente, a um final sempre trágico. Vejamos algumas falas de Padilha, o competente e sensível diretor na entrevista devidamente citada.

À medida que entendo como foi a vida daquele sequestrador, como foi a integração daquele menino de rua com o Estado do Rio, com a polícia, com o Instituto Padre Severino [instituição para menores infratores], com as cadeias, entendo não só quem ele é e por que faz e fala as coisas daquela forma, mas por que existe a violência no Brasil, e por que a polícia não resolve o problema. Os documentários não têm roteiros. A tarefa do diretor é construir um caminho a partir do que está sendo dito. Depois que eu entrevistei o Luís Eduardo, como ex-secretário de Segurança, eu entendi que tinha de filmar meninos de rua, crianças jogando bola pra cima. Eu já tinha percebido que existiam dois comportamentos diferentes do Sandro durante o sequestro. Primeiro ele não queria ser filmado, depois dizia: "Pode me filmar legal, Brasil. Eu estava na Candelária." Houve um turning point do personagem principal do filme, o Sandro. Quem me explica isso? No filme, o Luís Eduardo Soares [que situa a necessidade de um marginalizado social ser notado pelas instituições] (Padilha, 2002, p. 2-3).

Nesse estudo, buscamos conhecer Sandro um pouco além do que nos foi contado e mostrado no filme. E, conhecendo melhor esse personagem, permitindo que ele se faça finalmente visível diante de nós, vamos percebendo que há uma infinidade de "sandros" e "sandras" por aí, nas ruas desse nosso Brasil. A maioria deles está bem pertinho de nós, aqui nas quadras e entrequadras de Brasília, e alguns morrem violenta e anonimamente a alguns metros de nossas casas. Há poucos meses um adolescente, dias depois de sair do CAJE – Centro de Atendimento Juvenil Especializado – foi esfaqueado em frente do supermercado da entrequadra 312/313 Norte. Infelizmente, vi essa cena de horror. Saindo para uma caminhada um pouco antes das 7 da manhã, lá estava o corpo no meio de uma poça de sangue, coberto de jornais, e a polícia isolando a área. Uma enorme sensação de impotência acompanhou-me.

Na sua curta vida, Sandro foi prisioneiro de muitas cadeias, sendo que a primeira delas – uma cadeia física, espacial e material – determinava-lhe os passos a serem dados e a direção a seguir. A segunda, uma prisão simbólica, estruturada em condições de incrível verossimilhança – consequência da primeira

– limita-lhe as escolhas e os valores que o aprisionavam ainda mais. No final de sua trajetória, o ônibus é onde ele próprio se aprisiona. Encurralado, durante todo aquele seu último dia de vida, Sandro permitiu-se conversar com jovens de sua idade e com trajetórias muito distintas da sua. No entanto, conseguiu pactuar com elas durante a representação que nos foi mostrada, dividindo os sentimentos e o desespero de não saberem como seria a última cena daquele espetáculo. Inegavelmente, o sequestro do ônibus 174 foi um evento público de notável repercussão. Com transmissão ao vivo para aproximadamente sessenta milhões de espectadores, o episódio interrompeu a rotina do país durante quase cinco horas seguidas. Diversos personagens públicos manifestaram-se sobre o trágico acontecimento, até mesmo o Presidente da República daquela época. Mais uma vez, pudemos nos certificar do quanto o discurso de nossos agentes públicos está longe da prática e da assertividade ética.

A forma como a interação se deu entre o sequestrador e as sequestradas dentro daquele ônibus mostra-nos como o interacionismo simbólico valoriza o sentido que os fatos e as ações têm para o comportamento e as decisões humanas. No sequestro mostrado no filme, o sentido emerge do processo de interação entre aqueles personagens, incluindo a interpretação que ocorria do lado de fora do ônibus por toda a plateia que os cercava – os policiais, a imprensa e muitos populares. Normalmente, no primeiro instante, o indivíduo busca para si um sentido que atenda ao seu objetivo mais imediato. Mas, em seguida, seleciona e reavalia outros possíveis sentidos à luz das circunstâncias e do momento visando à direção adequada de sua ação em um contexto específico, como aconteceu nesse caso. Por que Sandro, entre atitudes e discurso tão contraditórios, de repente decidiu sair de dentro do ônibus?

Analfabeto, mas bem letrado no mundo das ruas e da exclusão, Sandro logo percebeu a necessidade e o poder de manipular aquele mundo que acabara de criar, dentro e fora daquele veículo onde estavam as forças inimigas prontas para o contra-ataque. Nesse cenário, o jovem tentava desenhar sua estratégia. Com uma atitude puramente defensiva, como se fosse um bandido comum, ele aparentava uma enorme capacidade de violência para impressionar seus espectadores e dar mais emoção ao inominável evento vespertino do Jardim Botânico. Maia (2005) assim comenta o fato:

Ao perceber a presença das câmeras de TV, o próprio sequestrador estabelece estratégias de comunicação com o público, personifica o criminoso sádico e encena dramatizações de maus tratos às vítimas. Além disso, simulou a morte de outra refém e solicitou ao grupo que demonstrasse pânico, como esclarecido pelas vítimas em diversas entrevistas, na mídia e no documentário "Ônibus 174", de José Padilha, realizado em 2002 (Maia, 2005, p. 566).

A princípio, nosso herói parecia estar realmente confiante por acreditar que de fato teria o controle da situação por meio da imprevisibilidade das respostas que era capaz de dar às ações e às possíveis decisões daqueles que detinham o poder do

lado de fora. Depois da agonia daquelas horas dentro do ônibus e, de acordo com uma interpretação baseada na experiência e no conhecimento adquirido nas ruas e nas prisões concretas e simbólicas que tão bem conhecia, Sandro provavelmente começou a duvidar disso. Sentindo-se tão prisioneiro quanto suas refêns, desceu do ônibus porque não resistiu à pressão e às tensões de naturezas tão diversas. Ou ele teria continuado a acreditar que jamais seria executado diante das câmeras de TV, como afirma um militar no seu depoimento no filme?

No entanto, tudo nos faz crer que Sandro tenha mesmo decidido trocar sua vida por um momento de glória e de visibilidade, como acredita o professor e antropólogo Soares, conforme as declarações que fez para o diretor do filme, que tem a própria interpretação em relação à performance e ao jogo de cena de Sandro. Vejamos a resposta dada pelo cineasta na entrevista:

Pergunta: *Você mostra, por depoimentos de pessoas próximas a Sandro e por declarações feitas às câmeras de televisão durante o sequestro, que ele sempre almejou essa visibilidade. Mais ainda, ele se julgava dono de um talento teatral, queria ser ator.*
Padilha: *O Sandro foi quase um diretor de teatro dentro de um ônibus, dizendo aos refêns: "Você grita agora, fala isso, faz aquilo!" Ele representou uma tragédia quase grega, encenada no mundo real e que fala sobre a sociedade inteira. O Sandro é o principal ator e diretor da peça encenada ali. Ele e a polícia, a imprensa, as pessoas em volta dele (Padilha, 2002, p. 3).*

As circunstâncias e a pressão impostas a todas as pessoas que estavam com Sandro dentro daquele ônibus, ao longo daquelas intermináveis horas, foram determinantes para aquele desfecho tão surpreendente. Sandro estava cansado, encurralado, pressionado. Além da pressão física, uma vez que estava cercado por policiais armados, profissionais da mídia e uma multidão de curiosos que se alimentavam daquelas cenas de horror, havia a pressão psicológica e emocional – tanto pela novidade e pela qualidade da sua interação com as suas jovens refêns quanto pela perda de controle da situação na medida em que as horas de agonia iam se arrastando. No seu cotidiano de jovem morador de rua, quando Sandro teria a oportunidade de dialogar com aquelas jovens, quase que em pé de igualdade, o que caracteriza uma interação social bastante simétrica, apesar das circunstâncias?

O sequestrador e as jovens mulheres – suas refêns – passaram a fazer parte de um mesmo jogo proposto por Sandro. Mas a pouca idade de todos eles não lhes permitiu construir e manter a frieza fundamental para aquela situação; eles ficavam em conflito consigo mesmos e duvidavam da verdade e da encenação de suas próprias ações, sentimentos e diálogos públicos e privados. Sandro abria e fechava as janelas do ônibus, dependendo do seu objetivo em cada momento, desempenhando bem o seu papel naquele impressionante teatro.

A decisão de trazer a história de Sandra Mara Herzer para este estudo é fundamental para o paralelo que realizamos neste estudo. A sua trajetória de vida é um elemento fundante para compreendermos como se deu a construção desses dois personagens, figuras arquetípicas, conforme a nossa compreensão. Essa

opção nos remete também à epígrafe deste tópico, relacionada ao papel fundamental da educação, tanto do ponto de vista humanístico e existencial como profissional e da sobrevivência das pessoas e dos cidadãos, enfatizando-se que, no Brasil, a educação é uma responsabilidade constitucional do estado.

Discussão

*Eu queria morrer agora, neste instante sozinho,
para novamente ser embrião, e nascer.
Eu queria nascer de novo, para me ensinar a viver.
(Herzer, 2007, p. 140)*

Nosso país tem uma longa e dolorosa história de inúmeros meninos de rua, que, fugindo de um ambiente familiar desfeito, ou opressor, marcado pela instabilidade emocional, decidem fugir de casa para se exporem a todo tipo de desrespeito, violência, preconceito e exclusão, correndo todo tipo de risco. Naquela tarde do dia 12 de junho de 2000, Sandro colocou-se, ostensivamente, como alvo e assumiu uma série de riscos, o que surpreendeu até mesmo aos seus amigos da rua, como vimos nos depoimentos de alguns deles nas cenas do filme de Padilha: *Ele só podia estar "cheirado"!* – afirmou uma amiga das ruas.

Sandro não roubou nada dentro do ônibus nem fez nenhuma exigência importante ou previsível para aquela situação. Embora seja verdade que ele portava uma arma, fazendo várias ameaças de morte aos passageiros do ônibus, chegando a apontar a arma para o exterior como se fosse atirar, a sua aparente e violenta encenação era apenas estratégica. Naquela situação, como explicar que tantas pessoas tenham conseguido fugir pelas janelas e pela porta traseira, inclusive o motorista e o cobrador? O que Sandro realmente desejava? O seu discurso, suas atitudes e suas decisões foram marcadas por idas e vindas, chegando a libertar alguns passageiros, um estudante e uma mulher que estavam passando mal. E a simulação do assassinato de uma das mulheres no assoalho do ônibus? Afinal, o que ele pretendia? Por que teria ido sozinho fazer aquele sequestro? Será que não queria dividir o protagonismo da cena com ninguém?

Embora não soubesse ler nem escrever, o rapaz mandou que uma das jovens sequestradas escrevesse recados para os policiais no vidro do ônibus. Como e por que confiou que o que estaria sendo escrito era realmente o que ele ditava? Ao conversar com o primeiro policial que tentava estabelecer um diálogo e uma negociação, disse que seu nome era Sérgio, contudo, o apelido "Mancha" era o seu nome de guerra entre os companheiros de rua. Ele precisava omitir sua verdadeira identidade; quem era Sandro, afinal? Quando entrou naquele ônibus, sabia exatamente o que queria e até onde seria capaz de ir? Ele foi agressor ou vítima?

A identidade de qualquer pessoa é socialmente construída – o fruto de um sistema e de vários subsistemas estruturados e contíguos (Lordelo *et al.*, 2002). Assim, podemos observar um sistema maior – a sociedade de um país, de uma cidade, com suas leis e estruturas específicas – e os sistemas menores: a família, a vizinhança e a escola, etc., tudo funcionando como em uma rede social. Como já foi dito, a rua e as gangues foram a escola e a família de Sandro. No entanto, pelos depoimentos, tanto das refêns como de seus amigos de rua, podemos supor que ele experimentasse certo saudosismo de uma normalidade social e familiar – ele gostava muito de falar da família para os amigos. Vez por outra, ia procurar sua tia Julieta e até lhe pedia ajuda quando precisava. Até mesmo dentro do ônibus, ele contou histórias de seus familiares e da morte da mãe para o grupo das suas jovens refêns. Contudo, de acordo com essa tia, com quem passou a morar depois de perder a mãe, o menino não gostava de falar sobre o fato no meio da família. Foi uma criança que seguia sua vida dentro da aparente normalidade, brincando como outras criancinhas da mesma faixa etária. Até que um dia, saiu para as suas brincadeiras de rua e nunca mais voltou para casa.

Entendemos que o desenvolvimento da cidadania só ocorre na medida em que o sujeito-humano se integra ao sistema simbólico, compartilhando os valores que compõem a ética social que favorece a autonomia do indivíduo, dando-lhe voz e visibilidade, reconhecimento, respeito. Essa situação ideal pressupõe que as desigualdades no interior da sociedade sejam pelo menos abrandadas, tudo isso concorrendo para garantir oportunidades iguais para que todos possam se desenvolver e aprimorar a sua humanidade². Nesse ponto da reflexão, busco um trecho da análise do filme *Kaspar Hause*:

A questão, portanto, que o filme propõe é: poderão os homens constituir outra sociabilidade, diferente daquela que discrimina, rejeita e separa o diferente? A sociedade que encarcera os seus membros, que os condiciona em torres com janelas estreitas e que esmaga seus nomes próprios, espezinhando-os, pode ser diferente? (Cattelan, 2009, p. 3).

Não é necessário nenhum esforço extra nem a mínima coragem para admitir que a distribuição da riqueza e dos bens culturais vem ocorrendo de maneira injusta neste país fortemente marcado por preconceitos e conceitos equivocados, desde os primórdios de nossa história. Desde muito tempo, o discurso e a prática de nossos governantes e dos grandes empresários não caminham juntos na construção da sociedade com uma estrutura adequada para a constituição humana de sujeitos responsáveis por escreverem o roteiro sonhado para suas vidas. Tudo isto nos desumaniza.

"Uma família harmônica não necessariamente faz de um jovem uma pessoa capaz de suportar o sofrimento inerente à

² *Humanidade* – conforme DEH (acepções selecionadas): substantivo feminino 1 conjunto de características específicas à natureza humana (ex.: a animalidade e a h. residem igualmente no homem) 2 sentimento de bondade, benevolência, em relação aos semelhantes, ou de compaixão, piedade, em relação aos desfavorecidos [...] 4 qualidade de quem realiza plenamente a natureza humana.

condição humana", disse-nos Lebrun, na entrevista concedida à revista *Veja* em dezembro de 2009. No entanto, sabe-se que, sem referências verdadeiramente humanas baseadas na afetividade, na compaixão e na solidariedade, a pessoa acaba perdendo toda a capacidade de afeto e empatia – características essenciais para desenvolver e preservar a nossa humanidade. Uma criança que cresce sem um mínimo de proteção e de segurança facilmente entra no jogo do vale-tudo pela sobrevivência, e o conhecido lema "salve-se quem puder" é a regra de ouro para os meninos que vivem nas ruas. Logo, aprender a usar a violência torna-se uma forma segura para se preservar, e é isso que as crianças que vão viver na rua aprendem muito cedo. As atitudes violentas são a maneira de se tornarem visíveis e também uma maneira de expressarem a dor da injustiça de que são vítimas.

Na rua e no confronto diário com os mais diversos agressores, essas crianças aprendem as primeiras e toscas noções de subjetividade e individualidade. Elas se convencem de que são realmente os verdadeiros protagonistas e autores de suas tristes histórias. Como um mestrando em filosofia nos diz:

Desse modo, a esfera social proporciona a possibilidade dos sujeitos se auto-reconhecerem nas suas potencialidades e capacidades mais ou menos semelhantes, ou seja, a possibilidade de estar em comunhão, reconhecendo o outro na sua singularidade e originalidade, o que faz com que cada nova etapa de reconhecimento social capacite o indivíduo apreender novas dimensões de sua própria identidade, o que, por fim, estimula novas lutas por reconhecimento, mostrando que o ponto central deste processo é este movimento em que conflito e reconhecimento condicionam-se mutuamente (Ravagnani, 2009, p. 41).

No meio das gangues, como um de seus integrantes, os garotos de rua experimentam a sensação de serem reconhecidos e de pertencerem a um grupo que se defende. O triste episódio da Chacina da Candelária, que aconteceu com meninos que se uniram em defesa dos amigos agredidos pelos policiais, é uma boa ilustração para essa afirmação. A ação injusta e violenta dos militares provocou a previsível reação dos meninos que adotaram a agressão como estratégia de defesa do grupo, desencadeando o trágico, o bárbaro e lamentável acerto de contas por parte dos militares. Naquela noite, alguns deles já estavam dormindo quando perceberam a aproximação dos carros. Acreditando que era o "grupo da sopa" que estava chegando, eles levantaram-se e foram surpreendidos com o tiroteio dos militares que tentaram exterminá-los. Alguns morreram, outros ficaram feridos na calçada e o grupo se dispersou – o quartel geral daquele grupo foi desmontado. Conta-se que algumas crianças simplesmente desapareceram naquela noite³. Sandro contou para as suas refs e confidentes que ele era um dos sobreviventes daquela chacina, quando alguns amigos seus tinham sido covardemente assassinados por policiais militares que, em um ato de revan-

chismo e covardia, os surpreenderam no meio da noite, ainda no primeiro sono.

Foi nessa época que, vivendo na Candelária, o rapaz teve a oportunidade de conhecer uma assistente social, com quem construiu uma boa relação e a quem passou a considerar uma tia. Em seus depoimentos no filme, ela afirma que Sandro não era uma pessoa violenta e, portanto, muito diferente da imagem que ele nos apresentou durante o sequestro do ônibus. Ela insiste ainda que, se ele fosse realmente violento, ali mesmo teria matado e machucado muitas pessoas, o que nos parece tão óbvio quanto verdadeiro. Da mesma maneira, os amigos de Sandro expressaram sua visão sobre Mancha, como eles o chamavam, quando fizeram a narração de como ele vivia e o que fazia nas ruas. Mas Sandro ou Mancha, tantas vezes e de tantas formas violentado desde a infância, vivendo uma situação de completa exclusão e marginalização social, cometendo pequenos furtos e delitos, fazendo uso de drogas, sendo preso e fugindo novamente para as ruas, acabou por tornar-se o protagonista de um dos mais violentos episódios mostrados pela televisão de nosso país.

Um policial que participou do cerco ao ônibus 174 e deu seu depoimento no documentário considera que a estratégia adotada pela polícia foi equivocada porque se acreditava que o sequestrador fosse um bandido comum, que estava sendo interrompido ao praticar mais um crime. Segundo esse depoente, se os militares soubessem que ali estava um ex-menino de rua sobrevivente da Candelária, tudo teria sido diferente – eles teriam adotado outro esquema tático para ajudar o rapaz que, diante das câmeras, sentia-se tão poderoso e tão seguro de que não seria executado.

Também no filme, Luiz Eduardo Soares, pesquisador e cientista social, discute sobre a importância da visibilidade social para todos os seres humanos e também para os moradores de rua, com uma explanação que esclarece e ilumina a nossa reflexão. O pesquisador comenta que Sandro foi um menino invisível como tantos outros – famintos de existência e de reconhecimento sociais. Segundo esse especialista, não somos nada se não temos nenhum reconhecimento social. O estudioso vê a atitude violenta de um morador de rua como um grito impotente que apenas está reivindicando essa visibilidade.

Como podemos ver, estas palavras da ex-menina de rua validam a postura e a visão do pesquisador: "A verdade é que muitos não percebem que nossas falhas e defeitos podem ser esquecidos por todos, até mesmo por nós; desde que alguém nos olhe em público e nos trate como gente" (Herzer, 2007, p. 49). E, como nos diz o filósofo e pesquisador francês: "O cotidiano se inventa com mil maneiras de *caça não autorizada*" (Certeau, 2008, p. 38). Foi no desespero e de maneira inconsequente que Sandro emergiu e tomou a cena, impondo sua visibilidade e reescrevendo sua história para reafirmar sua existência social. O jovem adotou uma forma de caça não autorizada, conforme

³ Infelizmente isso ainda acontece hoje, como vimos na história do menino Juan, morto em Nova Iguaçu (Disponível em: <http://radioitaperunafm.com/site/2011/07/21/pms-envolvidos-no-caso-do-menino-juan-sao-presos-no-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 23/07/2011).

define o autor. Assim, para a nossa reflexão, é muito pertinente à afirmação do seguinte excerto:

A análise do comportamento violento ou anti-social deve, portanto, incluir a rede de significações dentro da qual é produzido e reconhecido como tal. Por essas razões, é imprescindível considerar o contexto em que vive o jovem, e, porque a violência e a agressividade se tornam objetos de investigação neste estudo, é necessário ter em mente que todo ato humano, dentro da sociedade, é culturalmente interpretado (Valsiner, 1994, in Lordelo et al., 2002).

Burak (2001) e Valsiner (1994), in Lordelo et al. (2002), ao longo do texto citado nas referências deste artigo, destacam a dura realidade do triste cenário que é mostrado em toda a literatura latino-americana sobre a questão da vida de pessoas que vivem limitadas por um contexto social e de tempo. Esses autores enfatizam que, nessa situação, os adolescentes vivem em uma completa exclusão social, que os leva a desenvolver um estilo de vida de alto risco, tornando-os cada vez menos aptos a alcançar um nível de desenvolvimento humano e psicossocial satisfatório. O simples fato de ficarem constantemente expostos à total violência em seu cotidiano, dizem ainda os autores, é a origem básica para o triste fenômeno social apontado na discussão. Diante desta constatação, podemos acrescentar que essa exposição coloca esses jovens, alternadamente e até simultaneamente, no papel de vítimas e de agressores e é nesse contexto de risco e de vulnerabilidade que a identidade desses meninos que vivem nas ruas é socialmente e equivocadamente construída.

O jovem Sandro trocou a vida por um efêmero momento de glória, como já disse Soares. Uma trajetória difícil, comum a tantos outros sandros, por quem nos desresponsabilizamos, como assume o professor em seu depoimento no filme em uma espécie de *mea culpa*. Busquemos as palavras de Lebrun (2009), quando o educador afirma que o fato de as pessoas enveredarem por um caminho autodestrutivo aponta para uma anomalia social e do processo de humanização. Ele lembra-nos que o único animal que não nasce humano como acontece com os outros animais faz parte da raça humana, uma vez que o gato já nasce um gato, uma baleia já nasce uma baleia, etc. Contudo, o ser humano nasce apenas como uma incipiente promessa de se tornar homem/mulher, gente. Só vamos nos humanizando ao longo da vida, na medida em que vamos aprendendo a construir as pontes que nos levam a um entendimento superior do mundo e da nossa condição. O entrevistado diz que qualquer desequilíbrio nesse processo pode implicar sérias consequências para o indivíduo e para a sociedade, dando origem à criminalidade, à exclusão social e moral e a outras formas de violência e de violação dos direitos humanos e individuais, como a intolerância. Lembremo-nos de que "a linguagem da intolerância é a violência. O ódio, que aniquila a liberdade de homens e mulheres, é o prolongamento dela" (Aquino, 2001, p. 11).

Na tessitura de nossa reflexão sobre a história de Sandro, trazemos também a comovente história de Sandra Mara Herzer para compará-la à de Sandro Rosa do Nascimento. E, buscando

respostas para as perguntas feitas desde o início dessa reflexão, é possível perceber que, no meio das semelhanças e particularidades entre a vida de um e de outra, há uma incrível similitude no desfecho da vida de ambos, quando identificamos uma importante "coincidência".

Sandro talvez não soubesse exatamente o que queria quando entrou naquele ônibus, mas há fortes razões para se acreditar que ele sabia exatamente o que queria quando apareceu na porta, saindo lá de dentro. Coerente com sua total imprevisibilidade, depois daquelas horas de tensão, o jovem subitamente chama a jovem Geisa, uma de suas reféns, para "dar uma voltinha", surpreendendo a todos e dando origem a mais uma trapalhada estratégica dos militares. Novamente, vamos repetir alguns de nossos questionamentos: o que Sandro realmente desejava? Afinal, o que ele pretendia ao se colocar no meio da multidão disposta a linchá-lo e ainda se posicionar de costas para militares fortemente armados?

Neste ponto, como para justificar a epígrafe das primeiras considerações deste estudo, trago algumas citações que considero fundamentais para a minha interpretação.

Como afirma Foucault (1994), o acesso à escrita é o único meio de alcance da democracia e do poder individual, o qual ele define como "a capacidade de compreender por que as coisas são como são" e que não se confunde com os "poderes" permitidos ou facilitados pelo status social do indivíduo. Desta forma, ele diferencia o "Poder" dos "poderes", dizendo que o primeiro permite ir além do que é evidente, possibilitando a descoberta das relações por detrás das circunstâncias, situações ou coisas, estando, portanto, ligado à transformação; enquanto os poderes encontram-se na reprodução e na compreensão estática e não reveladora do real.

Ainda de acordo com Foucault (1994), o acesso ao "Poder" só é possível a partir da reflexão, distanciamento e teorização do real. Ou seja, através de uma atitude científica frente ao mundo, a qual, nos moldes da própria Ciência, favorece a transformação da realidade. Contudo, segundo esse autor, isto só é possível através do acesso ao processo de produção do saber e não, apenas, por meio da transmissão dos saberes, os quais são imbuídos de neutralidade e se apresentam como objetos separados dos processos que os geram, promovendo a uniformidade entre os indivíduos que a eles têm acesso. [...]

A despeito da existência, hoje, de outras mídias que permitem o acesso fácil às informações necessárias para o viver no cotidiano, a escrita ainda se coloca como um meio mais eficaz e fundamental de acesso à informação, já que oferece a possibilidade de escolha e de liberdade face aos caminhos apresentados. Ao ler, o indivíduo constrói os seus próprios significados, elabora suas próprias questões e rejeita, confirma e/ou reelabora as suas próprias respostas. É ele quem inscreve ou reinscreve o significado do escrito a partir de sua própria história. [...]

Diferentemente da escrita, as outras mídias são mais prováveis de "aprimorar" o não-leitor, já que as informações nelas veiculadas refletem uma seleção consciente daqueles leitores que as fazem e as despejam sobre os primeiros. [...]

Segundo Foucault (1994, 1997), a escrita é o instrumento do pensamento reflexivo e só o contato com ela pode favorecer o desenvolvimento de um pensamento abstrato, complexo e de natu-

reza diferenciada daquele permitido pela linguagem oral. É a escrita que permite a construção de pontos de vista e de uma visão de mundo, e a atribuição de sentido a este mundo. Já a leitura é aquela que vai em busca desses pontos de vista, verificando-os, questionando-os e investigando os meios de sua elaboração. Só a leitura, entendida como uma atividade social e reflexiva, pode propiciar uma relação criativa, crítica e libertadora com a escrita, mostrando-se como um desafio para qualquer processo de democratização e mudança social coletiva. [...] Foucambert (1997), partindo de uma perspectiva mais política, afirma que o aprendizado da leitura só é garantido quando se desvela ao seu aprendiz o poder de transformação e mudança que apenas o escrito (e não o inscrito!) possui; um poder que é capaz de livrar o sujeito-leitor das malhas da resignação, da obediência, da determinação e da impotência, já que só este tipo de relação com o escrito pode levá-lo a perceber o mundo de outra perspectiva, permitindo-lhe a teorização da experiência cotidiana e uma nova organização dos fatos (Foucambert 1994, 1997 in Ferreira e Dias, 2002, p. 2-4, grifos meus).

A maior diferença entre Sandro e Sandra Herzer foi essa. A jovem teve uma vida mais feliz do que ele simplesmente pelo fato de saber ler, escrever e gostar de fazê-lo. Sandra Mara Herzer (ou Anderson Herzer) podia questionar-se e questionar a sociedade, que não age de forma igualitária e justa em relação a todos os elementos que a compõem. Herzer percebia a inadequação da sociabilidade tal como é constituída nas diferentes comunidades, começando pelo espaço familiar, onde o pai foi assassinado e, na pré-adolescência, quando ela quase foi violentada pelo pai adotivo. Em seus escritos, podia realizar uma catarse, que, de alguma maneira, permitiu-lhe elaborar e purificar seus sentimentos e emoções quando fazia seus poemas, como podemos ver nos seguintes versos:

Mataram João Ninguém

*Quando o próximo sangue jorrar
daquele por quem ninguém irá chorar
daquele que não deixará nada para se lembrar
daquele em quem ninguém quis acreditar
[...]*

*Tão difícil ver a vida assassinada
quando estamos já tontos pra tentar sobreviver
As perguntas sem respostas, sem nada
as vidas curtas e desamparadas
o último grito que não foi ouvido
calaram mais um homem iludido
E no mundo não dão mais argumentos
pra fugir aos lamentos de quem sozinho falece
Para esses não há mais compreensão,
não há mais permissão, para que se tropece.*

*Na televisão, o aguardo da cotação
um instante ocupado, para dizer morto João Ninguém
Mas a aflição ataca, a cotação subiu ou caiu?
[...]*

*Falo daquele mendigo que somos
pelo menos em matéria de amor,
daquele amor que esquecemos de cultivar
(Herzer, 2007, p. 146).*

Mas, quem foi Herzer, afinal? Quem nos responde é o senador Suplicy (2001) em uma palestra durante o Fórum Social Mundial e também no prefácio do livro póstumo de Herzer. Ele conta que Sandra nasceu em Rolândia, no interior do Paraná, e ainda criancinha, no meio corre-corre em sua casa, soube que seu pai havia sido assassinado com um tiro no pescoço. Não tendo muita alternativa, a sua mãe passou a se prostituir. Adoecendo, veio logo a falecer. Morando com a avó, que também não viveu por muito tempo, foi adotada por um casal de tios. Ele, bem mais velho. Depois deles se mudaram para São Paulo, o pai adotivo tentou acariciá-la e violentá-la, quando ela fugiu de casa pela primeira vez. Aos 13 anos, Sandra Herzer conheceu Anderson Bigode, um rapaz de 30 anos, que se tornou seu namorado. No entanto, pouco tempo depois ele sofreu um acidente de moto e também faleceu – mais uma perda difícil e também determinante para as escolhas futuras da jovem. Ela sofreu muito com o acontecido e, já frequentando bares, acabou se viciando, conforme o próprio relato: “A bebida era meu alimento diário. Sem o álcool, eu não era nada” (Herzer, 2007, p. 37).

Lamentavelmente, no entanto, e confirmando o que já se sabe sobre o tema, Sandra Herzer contou que só veio a conhecer outras drogas quando estava internada na Comunidade Terapêutica Infância – CTE. Com uma vida de pouca ou nenhuma disciplina, seus pais adotivos acabaram internando-a na FEBEM, onde ela ficou dos 14 aos 17 anos e meio.

Foi com essa idade que o senador paulista Lhe foi apresentado. Responsabilizando-se por ela, para que pudesse ser colocada em “liberdade”, e, como ela jamais tinha cometido qualquer delito, o então deputado estadual levou-a para o seu gabinete na Assembleia Legislativa de São Paulo. Sandra Herzer era capaz de realizar muitas tarefas e transformou-se em uma ótima auxiliar em quase todas as atividades. Como já conhecia os poemas que ela escrevia e queria muito publicar, Suplicy Lhe deu uma atribuição especial – escrever a própria autobiografia. E ela o fez, escrevendo o que se transformou no livro *A queda para o alto*, cuja primeira edição foi publicada pela Editora Vozes, em 1982; a 25ª edição é a mais recente, publicada em 2007. Sandra não chegou a ver o livro publicado, como era seu sonho, saltou do Viaduto 23 de Maio a poucos meses de seu lançamento, como nos conta o senador no prefácio do livro. Na contracapa da edição que tenho em mãos, podemos ler as palavras emocionadas de Leonardo Boff:

O surpreendente do relato é a profunda humanidade que cresce no meio de tantas violências e lágrimas. Herzer intuiu muito bem que existe solução para o menor carente e abandonado sempre que houver a disposição de entender, de perdoar e de estender a mão a estes menores. O livro tem algo de genial: a capacidade poética de Herzer. Praticamente sem cultura escolar, consegue produzir uma prosa de grande fluidez e emoção e especialmente uma pequena obra poética de um humanismo comovedor. Ai irrompe o amor, a saudade, a tristeza, a despedida, a morte... Mas numa aura de enlevo e espiritualidade que somente um raio de genialidade pode produzir.

O filme *Vera* do cineasta Sérgio Toledo Segall foi baseado no livro de Herzer. O diretor teve liberdade para modificar a história real da personagem e narradora, porém, há outros cineastas considerando a possibilidade de fazer um filme com a verdadeira história de Sandra Herzer. O livro também já foi encenado diversas vezes, inclusive com o patrocínio do SESC-SP. A irmã e os pais adotivos de Herzer concordaram que os direitos autorais do livro e da história dela sejam destinados aos movimentos e trabalhos sociais em defesa dos menores marginalizados pela sociedade. Sandra preocupava-se com a situação dos menores, vítimas de violência, corrupção e da morte prematura e que apenas necessitavam de amor e compreensão – como aconteceu com ela. Depois de morta, a sua poética está fazendo o que, de alguma maneira, ela sonhava fazer em vida – contribuir para a transformação desse quadro. Assim, podemos afirmar que “A leitura introduz, portanto uma ‘arte’ que não é passividade” (Certeau, 2008, p. 50). O trabalho de Sandra Herzer mostra-nos que ela foi capaz de perceber o mundo em uma nova perspectiva, o que lhe permitiu teorizar sobre a experiência cotidiana e contribuir para a transformação e uma nova organização dos fatos e da realidade tão bem conhecida por ela (Ferreira e Dias, 2002).

A constatação de que o conflito de ambos – Sandro e Sandra – se dá a partir da esfera privada contra a esfera pública permite-nos compreender que a opção de morar e viver pelas ruas, distanciando-se dos parentes, foi muito mais que uma simples fuga.

Sandro percebeu que, sem laços familiares e afetivos desde a morte da mãe, era preferível morar na rua, onde a ausência desses laços não iria interferir nas relações sociais a serem estabelecidas. Sandra Herzer, também conhecida como Anderson Bigode, como preferia ser chamada por colegas de rua e da FEBEM, acostumou-se à vida no interior daquela instituição porque foi ali que construiu laços afetivos prazerosos, chegando a expressar angústia e ansiedade com a aproximação de seus 18 anos, quando poderia ficar “livre”. Contudo, ela, já em liberdade, sentia falta das amigas das quais havia se separado e até sentia saudades daquele lugar onde tanto sofrera nas mãos de funcionários. O enfrentamento do preconceito, que também aprisiona e isola a pessoa, não lhe permitia experimentar felicidade e serenidade. Ao tentar um concurso para efetivar-se como funcionária da Assembleia Legislativa, foi recebida pelos fiscais no dia da prova, que, ao examinarem sua carteira de identidade, perguntaram-lhe ironicamente: “Um rapaz com o nome de Sandra Mara?” Muito nervosa e machucada, ela não se saiu bem nas provas e acabou sendo exonerada, e ainda demorou muito a receber o período trabalhado na burocrática Assembleia.

Pode-se concluir que, na trajetória desses dois jovens, houve uma diferença fundamental e decisiva. Sandro era um rapaz muito retraído e, mesmo quando participou de um grupo de Ca-

poeira coordenado por um professor da PUC-RJ, não conseguia soltar-se na interação com os outros jovens. Herzer, mais extrovertida, teve oportunidade de adquirir as importantes habilidades da leitura e da escrita, podendo usar a poesia para se expressar, elaborar os acontecimentos da vida e mesmo desabafar – um efeito catártico⁴ inquestionável. Tudo isso favoreceu para que ela tivesse a oportunidade de encontrar pessoas fundamentais para dialogar, como Lia Junqueira, presidente do Movimento em Defesa do Menor, que a apresentou ao senador Suplicy. Seguramente, interagir e dialogar com essas pessoas que tentavam ajudá-la a encontrar um caminho de superação deixou sua vida mais suave e lhe deu autoestima, apesar de tudo. Em seu livro, depois de relatar a surra e as humilhações na FEBEM, escreveu: “Mas, ao mesmo tempo não me sentia derrotado. O fato de apanhar daquele modo não desfez minha personalidade. Afinal de contas, eu não era responsável pela existência de tais homens. Meu rosto queimava, mas eu me sentia maior do que eles” (Herzer, 2007, p. 81).

Depois de conseguir a “liberdade”, com o apoio do atual senador paulista, e de estar trabalhando em um gabinete do então deputado, Sandra não teve como se sustentar no confronto com a vida e com os preconceitos da sociedade fora das instituições em que viveu os anos finais de sua adolescência. Alguns eventos e situações enfrentadas foram desalentadores para ela, como o próprio Suplicy nos conta também no prefácio do livro de Sandra. Tal situação foi resultado, sobretudo, do preconceito pela sua opção sexual, assumida aos 15 anos, quando passou a se apresentar como Anderson Herzer, como costumava assinar seus poemas e conforme ela narra com detalhes no dolorido relato da sua autobiografia.

Diante de histórias como as de Sandro e de Herzer, não se podem admitir soluções simplistas e, muito menos, os discursos demagógicos de nossos governantes. Já é tempo de eles começarem a refletir e a pautar suas ações e suas políticas públicas em conceitos como os que Maia (2005) nos apresenta em seu texto:

A questão da *accountability* como “o dever de prestar contas sobre as próprias ações” ou “a obrigação de dar satisfações” é fundamental para a qualificação da democracia moderna. Diz respeito ao requisito para que representantes, na disposição de seus poderes e deveres, respondam aos representados, deem respostas às críticas ou demandas a eles dirigidas, e aceitem (alguma) responsabilidade por falhas ou falta de competência.

No contexto do Estado democrático, o processo central da accountability se dá entre os cidadãos e os ocupantes dos cargos públicos, dentre e entre as fileiras hierárquicas dos representantes oficiais, entre os políticos eleitos e os representantes das instituições burocráticas. Implica, grosso modo, em direitos de autoridade, através da interação e da troca social. Aquele que demanda accountability, por um lado, exige respostas e justificações, enquanto aquele que se mantém accountable, por outro lado, aceita responsabilidades e dá explicações.

⁴ *Catarse* – conforme DEH (acepções selecionadas): substantivo feminino 4. Rubrica: psicanálise: operação de trazer à consciência estados afetivos e lembranças recalçadas no inconsciente, liberando o paciente de sintomas e neuroses associadas a este bloqueio.

As cenas do sequestro do ônibus 174 desencadeiam vários mecanismos de prestação de contas entre as autoridades e membros de instituições encarregadas da segurança pública – incluindo a avaliação das posições das instituições, a performance da corporação policial e as responsabilidades pessoais. Mas esclarecer por que o sequestro do ônibus 174 é um evento que demanda accountability não é uma questão imediata. Para nossos propósitos, interessa particularmente evidenciar a emergência e a transformação de disputas pela interpretação do sentido do evento e o processo de prestação de contas instalado no próprio espaço de visibilidade midiática (Maia, 2005, p. 552-553, grifo meu).

Esse autor faz uma análise que supera, em qualidade e profundidade, toda a discussão que temos visto até agora. Respondendo a pergunta: "A mediação de um problema complexo: ou por que o sequestro do ônibus 174 é um evento que demanda accountability?", o autor argumenta que é preciso reconhecer que a violência observada no caso chamou e chama a atenção do público. Ele ainda explica que, na sociedade moderna, os atos de violência – a tortura, o suplício do corpo, a brutalidade como exibição da força física – continuam obviamente existindo, mas ocorrem geralmente longe do olhar do grande público. E o autor leciona ainda que, por meio da mídia,

[a] modernidade retirou a violência da cena pública e apropriou a experiência da violência da vida ordinária, como discutido por Giddens e Foucault [...]. Através da transmissão ao vivo do sequestro, a violência em ato – o descontrole do sequestrador, o uso da força para manter os passageiros como reféns dentro do ônibus, a sequência de ameaças – pôde ser "vista e ouvida por todos". Isso permitiu a vivência mediada de "uma situação aterrorizadora". Diversos pronunciamentos de pessoas comuns veiculados na mídia apontam que o episódio acionou lembranças de experiências violentas vividas ou potencialmente concebidas, provocando "terror", "indignação", desejo de "interferir nos eventos" para interromper o curso das ações ou para "fazer justiça com as próprias mãos". "Fiquei vidrado naquela televisão, como se adiantasse... Fiquei torcendo, aflito, angustiado, para que o canalha morresse logo e deixasse aquelas pessoas voltarem para suas casas, para suas famílias. Que pena que não era um filme, era realidade" (comerciante) (Maia, 2005, p. 553).

Maia (2005) afirma que o evento do Jardim Botânico, mais do que a exposição do infortúnio e do destino trágico dos passageiros do ônibus 174, é a exposição do drama urbano de nossas metrópoles e do risco que acomete a todos que transitam pelas ruas e praças de nossas cidades. Ele nos diz que, segundo pesquisa do IPEA (2003), a sociedade brasileira tem um dos mais altos índices de criminalidade e casos hediondos de violência urbana. Na situação, ninguém pode se sentir seguro ou a salvo das brutalidades testemunhadas por meio da televisão. Segundo o autor, esse evento dramatiza um problema percebido como um dos mais graves do país, trazendo para o debate público a escalada da violência urbana e a correspondente questão da segurança pública. O desfecho do sequestro com a morte da refém pelos tiros provocados pelos militares e a execução do seques-

trador no carro da polícia a caminho da delegacia são perfeitamente identificados como sinais do funcionamento *normal* das instituições policiais e de seu *modus operandi*. De acordo com a exposição de Maia, conclui-se que a atuação da mídia evidenciou a coerente interpretação do processo como a clara evidência de uma intensa crise institucional (Maia, 2005, p. 553-554). Ele ainda nos esclarece que

[a]s estudos atuais sobre o tema não buscam mais explicar a violência urbana numa visão linear de causa e efeitos, mas, ao invés disso, entende-se que "um conjunto de fatores desencadeiam um conjunto de dispositivos, com uma cadeia de efeitos que cruzam entre si" [...]. Fatores sócio-econômicos (a persistência da miséria, o crescimento do desemprego nas cidades, a precariedade dos sistemas de educação, de assistência pública ou de reabilitação) reforçam os processos de segregação e exclusão social, negando à maioria da população os recursos básicos para auto-realização. A impossibilidade da constituição de processos de reciprocidade entre os cidadãos tende a gerar impasses socioculturais e a irrupção da violência dentro e entre os grupos sociais (Velho, 1996 e Soares, 2000, in Maia, 2005, p. 554-555).

O autor advoga os programas de intervenção social como espaços geograficamente delimitados, baseados em ações multidisciplinares e interinstitucionais e que envolvam a cooperação de diferentes atores sociais e de processos de aprendizagem coletiva continuados. Só com um desenho assim, tais programas possibilitariam o surgimento de orientações mais adequadas e de soluções criativas que podem guiar e instrumentalizar os projetos institucionais e as atividades práticas adequadas à realidade do cotidiano do país no que concerne às questões implícitas em um evento como esse do ônibus da Linha 174 (Maia, 2005, p. 563).

Dessa maneira, podemos concluir que as velhas interpretações e soluções dificilmente ultrapassam o nível do discurso de nossos agentes públicos e das belas reflexões acadêmicas, que não dão conta do problema. Além disso, desgraçadamente, também continuam contribuindo para a construção de heróis como Sandro e Sandra, que até conseguiram a sonhada visibilidade social, depois de sucumbirem às dificuldades e aos preconceitos que marcaram a dramática e curta trajetória de suas vidas. Na conclusão desse tópico, fica claro que os dois são figuras arquetípicas em nossa sociedade, uma vez que representam milhares de outros heróis anônimos e invisíveis de nossas ruas – uma das mazelas sociais mais ultrajantes de nosso país. Não só no Rio de Janeiro e em São Paulo, os cenários onde se desenrolaram as histórias de nossos heróis-protagonistas desta análise. Precisamos ir além da escritura de suas histórias para mudar o destino deste homem a que Catellan se refere em sua análise:

Eis o homem equiparado ao trigo: ele é, como Kaspar, a matéria bruta a ser vergada, o produto natural a ser triturado nas moendas que o capturam e a massa a ser modelada e transformada em alimento de uma máquina voraz e faminta. Ao homem, nascido para andar em pé, sob esta ação vigorosa, resta apenas se submeter à força do vento que o açoita, sendo

obrigado a se tornar parte de uma massa difusa, homogênea e monótona: sem rosto e sem identidade. O seu "destino" é se tornar um cavalo, suporte de arreios que o manipulam e o conduzem para uma meta traçada desde sempre: a sua história é historicizada (Catellan, 2009, p. 5).

A "[s]ociologização e antropologização da pesquisa privilegiam o anônimo e o cotidiano onde zooms destacam detalhes metonímicos – partes tomadas pelo todo" (Certeau, 2008, p. 57). As nossas ações e teorizações sobre a realidade discutida em estudos semelhantes a este são muito competentes e eficazes apenas para historicizar a vida dessas pobres criaturas aqui representadas pelas jovens figuras de Sandro e Sandra – detalhes metonímicos – no contexto social do Brasil.

Embora os dois contextos geográficos e histórico-sociais aqui abordados – o espaço e a trajetória dos dois jovens mortos na flor da idade – tenham características específicas e distintas da questão abordada por mim em uma publicação anterior, gostaria de terminar a discussão dizendo:

Não há como ignorar o pungente drama de todas estas pessoas angustiadas, oprimidas e aflitas que vagam pelo mundo em busca da vida melhor que lhes escapa entre os dedos. Falta-nos coragem, competência para mudar o curso da história atual. Mas há muitos condoreiros modernos fazendo a sua parte. Muitas vezes, cruelmente silenciados, por vezes tão jovens como Castro Alves. A história parece se repetir em outros contextos e com novos personagens (Eleutério, 2007, p. 9)

Considerações finais

Sandro e Sandra tiveram incríveis semelhanças em alguns episódios de suas vidas, embora tenham vivido em épocas e espaços bem distintos – duas décadas e quase quinhentos quilômetros os separam nas cidades do Rio e de São Paulo.

Fora da FEBEM, apesar de todo apoio recebido, Sandra Herzer experimentava solidão e sentia falta das amigas, namoradas e dos fortes laços de afeto lá construídos e que, provavelmente, a ajudaram muito na superação da perda do namorado Anderson, o Bigode – nome e apelido adotados por ela logo que assumiu a sua homossexualidade. E Sandro, por que teria ido sozinho realizar aquele sequestro? Será que não confiava em ninguém para que pudesse ter um parceiro naquela desastrosa aventura, naquele ato desesperado? Sandro sentia-se provavelmente até mais só do que Sandra. O que sabemos dele, das suas angústias, das suas esperanças e de suas dores? Pouco ou quase nada.

Ao ler o livro, fica evidente que a jovem poeta sempre demonstrou certo fascínio pela morte, como se morrer fosse a solução para todos os seus problemas. Ela deixa isto transparecer tanto nos relatos como nos poemas que compõem o seu *A queda para o alto*, que contém narrativas muito fortes, como no caso de um espancamento e humilhação que sofreu no interior da FEBEM, como podemos ver nos relatos das páginas 72 a 82, quando até o diretor da instituição chegou a lhe dizer: "Machão sem saco, machão sou eu que tenho duas bolas" (Herzer, 2007, p. 72).

Conta-nos ainda o senador Suplicy (Herzer, 2007 p. 14-16) que ele se encontrou com Sandra Herzer na véspera da morte dela, quando conversaram bastante e ele procurou animá-la. Ele conta que a jovem estava ansiosa e angustiada e falou de suas tristezas e desesperanças em relação ao futuro. Na oportunidade, o Senador teria tentado mostrar-lhe que não era hora para desânimo – o livro logo seria publicado e muita coisa boa viria pela frente. No entanto, ao se despedir dele, ela colocou em suas mãos um papel dobrado com um poema que descreve a situação em que se lançaria do viaduto para a morte, no dia 10 de agosto de 1982.

Minha vida, meu aplauso

*Fiz de minha vida um enorme palco,
sem atores para a peça em cartaz
Sem ninguém para aplaudir esse meu pranto
que vai pingando e uma poça no palco se faz.
Palco triste é esse meu mundo desabitado,
solitário me apresento como astro
astro que chora, ri e se curva à derrota.
e derrotado, muito mais astro me faço.
Todo mundo reparou no meu olhar triste,
mas todo mundo já estava cansado de ver isso
e todo mundo se esqueceu de minha estreia,
pois todo mundo tinha um outro compromisso
Mas um dia meu palco, escuro, continuou
e muita gente curiosa veio me ver
Viram no palco um corpo já estendido
Eram meus fãs que vieram para me ver morrer
Esta noite foi a noite em que virei astro.
A multidão estava lá, atenta como eu queria
suspirei eterna e vitoriosamente,
pois ali o personagem nascia
E eu, ator do mundo com minha solidão...
morria (Herzer, 2007, p. 14).*

Assistindo ao documentário, ao ver Sandro descendo as escadas do ônibus, perguntei-me (estava sozinha): por que este louco vai fazer isso? Veio-me a sensação de que ele decidira abaixar as cortinas e decretar o final do espetáculo. Ele parecia cansado, não só dos acontecimentos e da pressão desencadeada pelo sequestro do ônibus. Parecia muito cansado sim, mas da vida. Sem se expressar, sem purgar a dor infinita acumulada durante seus 21 anos, ele decidiu morrer. Desceu daquele ônibus na companhia de Geísa apenas para dissimular sua intenção, não declarar o seu desejo e, como Herzer, poderia então dizer:

*A multidão estava lá, atenta como eu queria
suspirei eterna e vitoriosamente,
pois ali o personagem nascia
E eu, ator do mundo com minha solidão... morria.*

Padilha (2002) disse:

Todas as pessoas têm um grande valor, todas as histórias são muito importantes. Por que, então, só peguei a história dele?

Porque ela é capaz de gerar lições sobre o Estado brasileiro, coisa que a história da minha vida, da vida da Geisa, de outras pessoas, não faz. Sandro é um menino de rua no limite da miséria, e a história de uma pessoa na condição dele fala sobre como o Estado lida com o problema. Por outro lado, ele descambou para a criminalidade, foi um delinquente juvenil. A história dele também mostra como o Estado lida com os delinquentes juvenis. Ao documentar uma pessoa, documento um processo.

Meu desejo é que também minhas palavras possam mostrar a história de Sandro e Sandra e gerar lições para todos nós e, sobretudo, contribuir para iluminar ações eficazes que não roubem da população do Brasil e, principalmente, das crianças e jovens a oportunidade de viverem o processo de humanização a que todos estamos convocados desde o nosso nascimento.

Os grandes planos de segurança pública e de combate à violência, tal como têm sido elaborados não devolvem esse direito e esse dever às pessoas. A boa estratégia de segurança pública deve começar pelo que o senador Cristovam Buarque (2011) vem pregando há anos. "Precisamos colocar a educação em primeiro lugar, sem desculpas e subterfúgios." No entanto, devemos nos lembrar de que colocar a educação como principal eixo do desenvolvimento do país é também abrir o caminho para promover uma revolução nas prioridades governamentais e sociais da agenda nacional, garantindo a transformação que o Brasil necessita. Isto implica também a garantia do respeito aos direitos humanos fundamentais, como o direito à educação e à vida digna.

Um bom plano de segurança pública deve começar pela formação dos agentes públicos responsáveis por ela. E deve começar com a boa formação, começando com a garantia da educação e da humanização dos meninos dos morros e dos setores mais pobres da sociedade, pois é de lá que sai a grande maioria dos elementos que compõem as forças militares do Brasil. Ficar copiando modelos de segurança de outros países, além de onerar muito os custos, não vai resolver o problema em sua origem.

Embora saibamos que a questão da violência urbana não seja apenas um problema do Brasil, devemos reconhecer que as nossas condições sociais e econômicas deixam muito vulneráveis os diferentes grupos humanos, expostos à situação de humilhação, de deterioração da autoestima e de carência de educação. Todas essas mazelas serão atenuadas e talvez eliminadas quando devolvermos às pessoas o direito de serem e se tornarem cada vez mais seres humanos – e a educação que visa à formação do ser humano integral e feliz é que vai nos devolver a paz e a harmonia sonhada por todos.

A PEC da Felicidade, que transita no Senado desde meados do ano de 2010, pode parecer uma simples utopia, mas a superação dessas mazelas discutidas a partir do documentário do sequestro do ônibus 174, em paralelo com as histórias de vida de Sandro e de Herzer, passa por discussões e reflexões semelhantes a essa proposta. E que não duvidemos disso. Sabemos que a felicidade passa por questões muito subjetivas, mas há um patamar básico de fatores que, se não garantem, são pelo menos uma promessa de felicidade que podem ser incluídos e garantidos pelo direito constitucional. Mas para serem colo-

cados em prática e não para aumentar o número dos artigos e incisos que ainda constam apenas no papel e que estão longe do estrito cumprimento.

O objetivo da proposta do Senador é alterar o artigo sexto da Constituição Federal, que sendo aprovada, terá a seguinte redação: "São direitos sociais, essenciais à busca da felicidade, a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição" (Buarque, 2011, p. 1)

Na verdade, observando o texto do Capítulo VII da CF/1988, vejo que nele estão implícitos todos os aspectos que a PEC da felicidade vem reivindicar. Abordando a questão dos direitos da Família, da Criança, do Adolescente e do Idoso, o artigo 227, diz claramente: "É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão".

A discussão é importante, a sensibilidade social e humanística do senador Cristovam é indiscutível e admirável, mas fundamental mesmo é que nossos governantes adotem medidas que atendam o que a lei já prescreve.

Referências

- AQUINO, M. de A. 2001. A informação nas estratégias educativas de recusa à intolerância em contextos reais/virtuais. João Pessoa, PB. Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/aquino-mirian-informacao-intolerancia.pdf>. Acesso em: 17/08/2010.
- BRASIL. 1988. Constituição da República Federativa do Brasil, DF. Disponível em: http://www.fundabrinq.org.br/_Abrinq/documents/publicacoes/Con1988br.pdf. Acesso em: 22/08/2011.
- BUARQUE, C. 2011. Felicidade é reconhecida pela ONU como uma questão de Estado. Disponível em: http://www.cristovam.org.br/portal2/index.php?option=com_content&view=article&id=4333:felicidade-e-reconhecida-pela-onu-como-uma-questao-de-estado&catid=24&Itemid. Acesso em: 28/09/2011.
- CATTELAN, J.C. 2009. Kaspar Hauser: de uma cadeia a outra. *Cadernos de Semiótica Aplicada*, 7(1):1-15. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/view/1768>. Acesso em: 25/05/2010.
- CERTEAU, M. de. 2008. *A invenção do cotidiano: 1: Artes do fazer*. 15ª ed., Petrópolis, Vozes, 351 p.
- ELEUTÉRIO, J. 2007. *O Navio Negreiro de Castro Alves* – uma possibilidade atual de leitura. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/banco/o-navio-negreiro-de-castro-alves-uma-possibilidade-atual-de-leitura>. Acesso em: 23/05/2010.
- FERREIRA, S.P.A.; DIAS, M. da G.B.B. 2002. A escola e o ensino da leitura. *Psicologia em Estudo*, 7(1):39-49. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a05.pdf>. Acesso em: 06/08/2010.
- HERZER, A. 2007. *A Queda para o alto*. 25ª ed., Petrópolis, Vozes, 187 p.
- LEBRUN, J.-P. 2009. Ensinem os filhos a falhar. *Veja*, n. 2142, p. 21. São Paulo, 9 dez. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/091209/ensinem-filhos-falhar-p-021.shtml>. Acesso em: 23/03/2010.

- LORDELO, L. da R.; BASTOS, A.C. de S.; ALCÂNTARA, M.A.R. de. 2002. Vivendo em contexto de violência: o caso de um adolescente. *Psicologia em Estudo*, Maringá 7(2): 31-40. Disponível em: <http://www.bvsde.paho.org/bvsacd/cd26/v7n2a05.pdf>. Acesso em: 08/08/2010.
- MAIA, R.C.M. 2005. Visibilidade e *accountability*: o evento do ônibus 174. In: III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO, 2005, Covilhã. *Actas...* Covilhã, IV:551-567. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/22447233/Actas-do-III-Sopcom-VI-Lusocom-e-II-Iberico-VOL-4>. Acesso em: 31/07/2010.
- PADILHA, J. 2002. Entrevista concedida à *Gazeta Mercantil*, 6 dez. Disponível em: www.renatodelmanto.com.br/casper/Onibus_174_entrevista_Padilha.pdf. Acesso em: 10/08/2010.
- RAVAGNANI, H.B. 2009. Luta por reconhecimento do jovem Hegel segundo Honneth. *Kínesis*, 1(1):39-57. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/HerbertBarucci%2839-57%29.pdf>. Acesso em: 07/08/2010.
- SUPLICY, E.M. 2001. O direito inalienável a uma renda básica no século XXI. In: FÓRUM SOCIAL MUNDIAL, 2001, Porto Alegre. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/w3/fsmrn/fsm2002/paineis/suplicypor.html>. Acesso em: 03/08/2010.

Submetido: 26/01/2011

Aceito: 05/07/2011